

4

**MARIA JOSÉ ANTUNES ROCHA
RODRIGUES DA COSTA (*)**

**DIDÁTICA APLICADA
AO
ENSINO SUPERIOR:
ANÁLISE
DE UM CURSO**

ABSTRACT

This article discusses critical aspects of the university in relation to the teacher's proficiency and it analyzes the importance of the Didactics Course in the University Teaching that is coordinated by the Education Department in the "FAFI" de Sorocaba, in April, 1988.

RESUMO

Este artigo discute aspectos críticos da universidade em relação ao aperfeiçoamento do docente e analisa a importância do Curso de Didática Aplicada ao Ensino Superior, coordenado pelo Departamento de Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba, em abril de 1988.

(*) . Mestranda em Administração Escolar (USP), leciona Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º e 2º Graus na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba.

Qual a importância de um curso de Didática para professores universitários?

Essa é uma questão que pode desencadear vários tipos de respostas, dependendo da corrente de pensamento pedagógico de quem se propõe a analisá-la.

Nos últimos decênios a educação deixou de ser concebida como arte e a comunidade de pensadores passou a admitir a existência de uma ciência da educação, que possui semelhanças e diferenças com relação às demais ciências. Entre as características básicas da ciência educacional, Goergen salienta a crítica. É do ponto de vista da pedagogia crítica que se pretende tecer algumas considerações sobre o curso de Didática Aplicada ao Ensino Superior, promovido pelo Departamento de Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba, em abril do presente ano.

Como reconhecer a concepção crítica entre as demais concepções que permeiam a linha de pensamento pedagógico e da ação educativa? O trabalho docente crítico se fundamenta na relevância dos determinantes sociais na educação e compreende a "educação enquanto ação prática transformadora, sabendo-se, porém, impossibilitada de atingir seus objetivos na plenitude, já que condicionada pelas condições de produção capitalista". (4, p. 136). Nesse sentido, vale a pena citar Goergen pela análise que faz da dimensão filosófica da concepção crítica: "A constatação básica da qual parte a teoria crítica é que os ideais educacionais não são fixados livremente, mas surgem no seu relativismo histórico-social, para a maioria dos indivíduos como inelutável imposição. A consequência lógica que se segue é que o problema agora não é mais encontrar meios ou formas de melhor realizar estes ideais, mas sim refletir sobre esses próprios ideais". (2, p. 77).

A universidade brasileira, vértice do sistema educacional, "profundamente relacionada com os siste

mas político, econômico e social que orientam as linhas de "desenvolvimento" (?) do povo brasileiro" (5, p.1), de modo geral, se organiza em departamentos estanques que nunca se integram, ou pelo contrário, promovem e aprovam as separações entre os diversos ramos do saber. "Todos os objetivos da universidade, como instituição social que é, devem nascer das necessidades da comunidade a que pertence, mas quem determina essas prioridades é a própria universidade em relação à comunidade." (3, p.53).

Levando-se em conta a universidade brasileira, constata-se que "esta instituição que carrega a herança positivista, não superou uma concepção obsoleta do conhecimento, e ainda mantém dilemas falaciosos: ainda que seja capaz de gerar evoluções, tem reforçado uma ação educativa descomprometida com a maioria daqueles que a sustentam e, conseqüentemente, está por ultrapassar as suas raízes históricas". (1, p.86).

A reflexão sobre a superação dessas dificuldades abre um caminho para superá-las. A criação de canais de participação real de professores e alunos poderá ajudar a construir uma nova mentalidade. O professor universitário avança o seu potencial na medida em que se percebe consciente do alcance histórico e social do seu papel de trabalhador intelectual. "O preparo do corpo docente, tanto para si, quanto para as escolas, é um campo concernente à competência universitária. O professor é um intelectual cujo trabalho consiste em divulgar o saber ou, preferencialmente, mais do que isto, em elaborar o saber-com-os outros". (1, p.87).

Muito se tem escrito e questionado sobre a competência do professor universitário. O Departamento de Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba sempre manifestou (formal ou informalmente, ou seja, em reuniões sistemáticas ou em conversas de professores nos intervalos das aulas)

preocupação com um plano de reflexão e trocas de experiências docentes. Faltava, no entanto, viabilizar esse projeto. Em abril deste ano de 1988, reuniu-se um grupo de professores dos departamentos de Letras, Ciências Sociais, Educação, Filosofia, bem como doentes da Faculdade de Enfermagem da PUC e da Faculdade de Educação Física da ACM desta cidade, sensibilizados com o "repensar" a prática docente no ensino superior. A proposta era firmar compromisso em participar de um curso de trinta horas. Embora sabendo que esse espaço de tempo seria pequeno para a consecução desse objetivo, naquele momento, representava a única disponibilidade do grupo de professores. O Departamento de Educação ficou encarregado de escolher o docente para esse curso. Optou-se por convidar o Prof. Dr. Marcos Tarciso Masetto, docente da PUC e da USP, especialista em Metodologia do Ensino e Didática Aplicada ao Ensino Superior. A escolha se deu devido a sua ampla experiência nesse campo e também por ele já ter lecionado em um dos módulos do Curso de Especialização em Cultura Brasileira, que a Faculdade de Filosofia promoveu em 1987. Tendo o professor Marcos aceito a proposta, relatam-se aqui, de maneira resumida, algumas reflexões que permearam o curso e que se consideram relevantes.

De início foi feita uma caracterização sucinta das condições de trabalho com as quais o professor universitário depara no seu cotidiano, para, a seguir, questionar a docência, a pesquisa e a participação na comunidade, e ainda as possibilidades e limitações dos institutos isolados de ensino superior, nesses três níveis. Identificaram-se as questões fundamentais que envolvem a competência do professor, tanto do ponto de vista de sua especialidade, quanto do ângulo de sua ação político-pedagógica. Os docentes participantes, através de simulações e trabalhos de equipe vivenciaram a atuação na Fundação D. Aguirre, mantenedora da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, avaliaram o quanto o conhecimento dessa

realidade (filosofia da organização, direção, funcionários e alunos), é fator decisivo para se tomar decisões que impliquem em ação educacional integrada e competente.

Ao avaliar os cursos, o grupo de docentes analisou as características dos alunos que hoje cursam o ensino superior (baixo nível de preparo, desinteresse em participar de aulas e outras atividades) e as expectativas do corpo docente, por vezes heterogêneas e permeadas de dificuldades advindas de vários fatores, desde a escassez de tempo, até o desconhecimento das necessidades dos alunos e, por vezes, a convicção de que o detalhamento e o bom nível de conteúdo significam otimização da qualidade de ensino e garantia de aprendizagem.

Cada professor participante pode efetuar uma auto-análise quanto ao seu papel de facilitador da aprendizagem e comunicador, bem como identificar as variáveis que interferem no trabalho docente com classes numerosas.

A cada momento, na medida em que o curso prossegue, o grupo ia se dando conta de que o professor, consciente de sua especialidade, mesmo assegurando aos alunos a apresentação lógica de seu conteúdo, necessita, ainda, do exercício do pensamento crítico, do questionamento da teoria e da prática, do conhecimento da realidade institucional e do meio social mais amplo. A consciência que advém do exercício de "pensar a prática" vai possibilitando ao professor a identificação de componentes filosóficos, político-ideológicos e afetivos envolvidos na prática docente, bem como se transforma no único caminho para a adequação de procedimentos didáticos inovadores. Não basta que o aluno perceba que o professor trabalha seriamente - é necessário que o próprio aluno se envolva com as atividades docentes - isso se constitui num desafio para o professor.

Um dos sábados foi destinado exclusivamente a trocas de experiências em relação a estratégias de ensino e avaliação, envolvendo ampla discussão dos instrumentos que o professor precisa utilizar para consecução dos objetivos propostos, instrumentos esses que se tornam frágeis quando não são estabelecidos critérios transparentes por parte dos professores. A avaliação, que deve ser um processo contínuo, passa muitas vezes a ser um momento até de incompatibilidade entre os dois segmentos: professor e aluno.

Num clima de colaboração docente e discente que deve permear o trabalho na universidade, os momentos de avaliação deveriam ter uma significação suficiente para o professor julgar o conjunto de suas ações pedagógicas (ensino), ao mesmo tempo em que, para o aluno, deveria significar avanço no processo de aprendizagem.

A disposição do professor Marcos Masetto em questionar a avaliação na Universidade foi demonstrada na prática, durante o curso, com suas propostas significativas e inovadoras aplicadas à avaliação que foi feita pelo grupo em relação ao curso realizado. Os docentes foram conduzidos a produzir depoimentos livres, a listar pontos positivos e negativos, a analisar o clima do grupo, destacar aprendizagens relevantes e expor expectativas.

É importante salientar que ficou entre os professores a sensação de um envolvimento agradável e necessário dirigido para a reflexão do cotidiano.

Permaneceu, entretanto, a necessidade de continuidade desse projeto de aperfeiçoamento docente, no sentido de encaminhamento de um Curso de Especialização docente de 360 horas, voltado para a metodologia do trabalho científico na Universidade.

Referências bibliográficas

1. BERNARDO, M. V. C. Como a universidade potencializa a educação. Didática. São Paulo, 22/23. 83-88, 1986/1987.
2. GOERGEN, P. L. Pesquisa em educação: sua função crítica. Educação e Sociedade, 9: 65-96, 1981.
3. _____ . A universidade, sua estrutura e função. Educação e Sociedade, 2: 47-59, 1979.
4. LIBÂNEO, J. C. Democratização da escola pública. São Paulo, Loyola, 1987, 149 p.
5. MASETTO, M. T. e ABREU, M. C. Planejar pensado . São Paulo, Balieiro, 1986, 29 p.

-----*-----